Azevedo, Fabiano Cataldo de, Silva, Simone Trindade Vicente da, Fontoura, Tanira (org.) (2024). *As mulheres e suas bibliotecas no contexto do patrimônio bibliográfico: cultura material e percursos*. Salvador, BA: Fundação Museu Carlos Costa Pinto, 348 p., ISBN 978-65-89740-03-2 (ePUB)

Em dezembro de 2022 realizou-se na cidade de Salvador/Baía, no Brasil, nas instalações do Museu Carlos Costa Pinto, o Seminário Internacional «As mulheres e suas bibliotecas pessoais no contexto do patrimônio bibliográfico». Essa iniciativa científica foi o ponto de partida para a edição do livro, publicado no ano de 2024, e que reúne a grande maioria das comunicações então apresentadas, para além de textos de autores convidados a colaborar. Trata-se de investigadores que tanto trabalham no Brasil, como no México, na Grã-Bretanha, na Polónia e, em Portugal, e que conjugam, nas suas análises, diferentes formas de abordagem e fontes documentais, escalas de análise e contextos geoculturais. Como denominador comum, a pesquisa e a reflexão sobre a formação de bibliotecas por mulheres, tema que tem sido injustamente condenado à obscuridade.

É precisamente sobre a articulação mulheres, livros e bibliotecas que esta obra trata, recobrando uma grande variedade de campos de estudo que nos transportam para espaços e tempos distintos, da América e da Europa, do século XVII aos nossos dias. A obra, prefaciada por Constância Lima Duarte, divide-se em duas partes: uma primeira intitulada «As mulheres e suas bibliotecas» e a segunda «As mulheres e os livros». Completam o livro textos introdutórios de Fabiano Cataldo de Azevedo et al. sobre a patrona da instituição, a «força motriz» do seminário realizado, e um depoimento.

Os textos cronologicamente mais recuados tratam de bibliotecas de elementos femininos da nobreza e de instituições monásticas. Reportando-se a mulheres da aristocracia ou da baixa nobreza inglesa, o historiador britânico David Pearson (p. 276-306) analisa, aspetos particulares da

posse de livros na sociedade inglesa seiscentista, os conteúdos temáticos preferenciais, para concluir que existia, ao tempo, um mercado livreiro destinado ao público feminino e «bibliotecas genuinamente femininas». Tomando como eixo temporal o longo século XVIII, os estudos de Fernanda Maria Guedes de Campos (p. 73-89), de Idalia García e Xixián Hernández de Olarte (p. 322-337), debruçam-se sobre os universos da leitura feminina em espaços conventuais, tanto em Portugal (Tavira) como na Nova Espanha. Com recurso a inventários de bibliotecas, a manuscritos e a catálogos de livros mostram que os conventos, embora de clausura, eram recintos abertos ao exterior, dispendo de bibliotecas ou de pequenas coleções de livros, sobretudo de piedade e devoção, a que as religiosas tinham acesso, inclusive, nas próprias celas, mediante autorização superior. A presença de mulheres cultas, entre as religiosas, justifica a prática da leitura, a que se associa também, em alguns casos, a da escrita, tendo assumido algumas religiosas protagonismo na literatura conventual. Alguns mosteiros contribuem para a produção de livros, patrocinando a publicação de obras, a exemplo das Monjas de Santa Teresa (Nova Espanha).

A investigadora Vanda Anastácio debruça-se sobre as obras lidas no contexto familiar pelas várias gerações de mulheres que habitaram o Palácio Fronteira, em Lisboa, no século XVIII, depois do terramoto de 1755 e no início do século XIX (p. 108-117). No momento em que os impressos eram escassos e de difusão limitada, as aristocratas parecem desempenhar um importante papel nas redes de transmissão do saber, partilhando livros e leituras, aparentemente de mães para filhas, ou, pelo menos, com os que lhes eram mais próximos. As marcas de livros são também o «fio de Ariadne» do texto de Nathália Henrich (p. 244-259) sobre «Uma bibliófila esquecida: Flora de Oliveira Lima (1863-1940)». A análise faz-nos descobrir não só o amor aos livros desta autora mas sobretudo o seu esforço de formação e de manutenção dos acervos da Oliveira Lima Library, biblioteca que tem o nome do seu marido, diplomata, estadista e historiador brasileiro, doada à Catholic University of America, de Washington. Um texto que reivindica o seu papel de colecionadora mas que também evidencia a sua sensibilidade criteriosa na escolha das obras.

Um núcleo de vários estudos encerra o desafio de desbravar o conteúdo de bibliotecas femininas, avaliando os seus acervos, contributos e potencialidades cívicas e sociais, em diferentes épocas e espaços. O texto, da autoria de Dorota Sidorowick-Mulak (p. 91-106), aborda a figura de uma condessa polaca que, nos inícios do século XIX, concretizou um espaço cultural, com várias valências, multiusos dir-se-ia nos dias de hoje, destinado à nobreza rural. Dotaria a respetiva biblioteca com um conjunto significativo de obras por si seleccionadas e que refletem o ecletismo dos

seus interesses intelectuais, a sua mundividência de base europeia e as alargadas redes institucionais em que se movia, disponibilizando, por essa via, acesso informativo a públicos mais desfavorecidos. As bibliotecas e os espólios museológicos das imperatrizes brasileiras constituem o tema central do texto de Jandira H. Fernandes (p. 133-142). O texto de Elisângela Silva da Costa (p. 119-132) debruça-se sobre o perfil de colecionadora da académica e jurista paraense Annunciada Chaves (1915-2006) que reuniu, na sua casa de Belém do Pará, uma extensa biblioteca. O esmiuçar do seu acervo permitiu apreender a sua vasta erudição, bem como as estratégias das aquisições, demonstrativas de alguém que perseguia o «fogo sagrado da bibliomania». Já Alicia Duhá Lose aborda a biblioteca eclética constituída por Julinha e Lô Conde (p. 144-158), na qual romances dedicados a mulheres tinham lugar cativo.

A biblioteca de mulheres reconhecidas nos campos artísticos ou literários é o tema central dos estudos de Silvia Salgado Ruelas (p. 59-71), e de Carlos Alberto Della Paschoa (p. 160-167). No primeiro caso, o objeto de análise é a biblioteca constituída pela galerista e mecenas mexicana María Asúnsolo, constituída, em grande parte, por originais e primeiras edições de obras oferecidas por artistas ou autores que ajudou a promover ou com quem contactou ao longo da sua vida. No segundo caso, o estudo gira em torno da valiosa herança bibliográfica da escritora e académica hispano-americana Nélica Piñon, formada por um valioso espólio de publicações de várias áreas do saber e que seria doada, pela autora, ao Instituto Cervantes do Rio de Janeiro. Em ambos os casos, as bibliotecas não provieram de heranças familiares mas são fruto do sucesso profissional e de um amplo reconhecimento público das suas proprietárias. A sua doação a instituições afigura-se estar ligada à defesa de um ideal de cidadania democrática e à salvaguarda e proteção patrimonial de bens culturais de interesse histórico.

A escrita feminina, o processo de criação, a desconstrução literária e as condições materiais da sua produção, por vezes limitadas por circunstâncias muito hostis, tanto decorrente de preconceitos e obstáculos sociais, como da censura política são alguns dos temas tratados por Vanilda Salignac Mazzoni, Débora de Souza e Alvanita Almeida Santos. O primeiro estudo debruça-se sobre a escritora Elvira Foeppel (p. 213-229), representativa do movimento modernista. As ambivalências e as contradições desta mulher singular, situada à frente do seu tempo, mostram que, apesar do seu estatuto de *outsider*, não resistiu às convenções. A produção teatral da artista Nivalda Costa (1952-2016), centrada no período da ditadura militar, nos anos 1970 e 1980, é o tema proposto por Débora de Souza (p. 231-242), no qual interroga o processo criativo da artista que escreveu «textos-peças-panfletos». A dramaturga baiana trouxe para os palcos o debate de ideias,

questões ideológicas, as perspetivas de um teatro engajado na luta contra a ditadura bem como temas sensíveis e incómodos para o regime, como as relações de poder, a desigualdade, a censura e o racismo. A literatura de cordel de produção feminina é a matéria abordada por Alvanita Almeida Santos no seu estudo sobre folhetos de cordel, redigidos por mulheres (p. 308-320). Analisa a constituição de acervos digitais, tomando como *case study* o blogue intitulado Cordel de Saia, de Dalinha Catunda, autora que tem desempenhado um relevante papel na divulgação do trabalho feminino no campo da literatura de cordel, dando visibilidade à criação feminina. O envolvimento de mulheres com o mundo editorial é o tema de Pablo A. Iglesias Magalhães que analisa o caso da primeira empresária das letras no Brasil (p. 261-274), uma mulher que administrou a primeira oficina de impressão estabelecida na cidade da Baía, nos inícios do século XIX, e que imporá novas regras à tipografia, tornando-a mais política e menos literária e científica, de acordo com a ideologia liberal do tempo.

Estamos, pois, perante uma obra coletiva que levanta vários tipos de problemáticas e que analisa o universo das bibliotecas femininas sob diversas perspetivas e ângulos: a mulher como leitora, escritora ou editora, como colecionadora de livros ou museóloga ou, ainda, organizadora de estruturas bibliotecárias. A posse de bibliotecas pode ter vários motivos, tanto familiares como económicos, sociais ou profissionais. A sua fruição pode ser interpretada como «espaço para si» ou condição *sine qua non* de conservação patrimonial, educação popular ou dever ético ou cívico. A análise efetuada pelos vários autores permitiu também proceder à desmontagem dos preconceitos oriundos de uma cultura dominante masculina e, em particular, retirou da penumbra inúmeras mulheres que, ao longo do tempo, se movimentaram no universo livresco e que organizaram ou foram possuidoras de pequenas ou grandes bibliotecas. Trata-se de um estudo importante para o melhor conhecimento do passado e que mostra que a relação das mulheres com a escrita, livros e bibliotecas tem raízes remotas e se prolonga no tempo, embora seja ainda muito pouco conhecida. Daí, também, a grande pertinência e oportunidade deste livro que procurou dar às mulheres o seu lugar de direito nas bibliotecas e, por essa via, também na sociedade, no quadro de uma visão aprofundada e renovadora sobre o acesso à cultura.

IRENE VAQUINHAS
Universidade de Coimbra, CHSC, FLUC
irenemcv@fl.uc.pt
<https://orcid.org/0000-0003-1889-165X>